

## APRENDIZAGEM ACELERATIVA: RECUPERANDO A AUTO-ESTIMA DO ALUNO

VEGA, M. La <sup>1</sup>e SILVA, M. M. P.<sup>2</sup>

### RESUMO

Este artigo sumariza as principais idéias sobre uma pesquisa que objetivou realizar uma abordagem sobre a importância da aprendizagem acelerativa na recuperação do auto – estima do aluno, bem como demonstrar como esses sujeitos podem ter resgatadas a sua confiança e a sua capacidade de aprender. Procurou-se chamar a atenção para a responsabilidade do professor no sentido de reconhecer o perfil de seus alunos, no que diz respeito à promoção do autoconceito positivo e de suas habilidades, para que seu ego seja alimentado pelos ganhos cognitivos e eles possam estabelecer uma relação positiva com o conhecimento e com as pessoas, num processo que possibilite o estabelecimento da confiança mútua, da solidariedade e da crença nos seus êxitos.

**Palavras-chave:** Aprendizagem; aprendizagem acelerativa; dificuldades de aprendizagem; fracasso escolar; auto-estima; capacidade de aprender; repetência.

### ABSTRACT

This article summarizes the main ideas about a research that intended to perform an approach about the importance of accelerating learning in the recovering of the students self-esteem, as well as to show that these subjects can recover their confidence and his power of learning. There was the attention to the responsibility of the teacher in order to recognize the profile of his students, regarding the improving of positive self-knowledge and their abilities, so that their ego can be nourished by the gains in learning and they can establish a positive relationship with knowledge and people, in a process the make it possible the setting of mutual trust, solidarity and faith in their victories.

---

<sup>1</sup>- Graduanda do 6º período de Pedagogia. Professora do Ensino Fundamental.

<sup>2</sup>- Mestre em Educação. Pedagoga. Professora Titular de Psicologia da Educação e Sociologia da Educação da Faculdade de Filosofia do Centro de Ensino Superior de Valença.

**Keywords:** Learning; accelerating learning; difficulties in learning; school failure; self-esteem; ability to learn; repetition.

## 1. INTRODUÇÃO

O programa de Aceleração de Aprendizagem se propõe a oferecer, aos alunos com dificuldades de êxito escolar, um ambiente rico e acolhedor no qual possam aprender a se organizarem e considerar o estudo e a escola com seriedade e alegria, acreditando em si mesmos, tendo autoconfiança, prontos a se auto-superarem, sentindo o prazer do sucesso. Propõe, portanto, a trajetória dos alunos em situação de defasagem, possibilitando-lhes avanços reais, reintegrando-os no percurso regular normal.

Neste texto situamos inicialmente o processo de aprendizagem, num contexto mais geral e, especificamente, sob a visão de alguns educadores renomados no campo das teorias da aprendizagem e cujas concepções influenciaram, sobremaneira, no desenvolvimento do processo educativo.

Tiveram destaque também as principais dificuldades que determinam a não - aprendizagem da criança e as formas de como superá-las para que os alunos tenham garantida a sua permanência na escola e tenham ampliadas as suas oportunidades educacionais.

De igual forma, foram abordadas questões relativas ao autoconceito negativo formado pelos alunos, fruto de múltiplas repetências que os levam a interiorizar o sentimento de fracasso e de baixa auto-estima.

Foi distinguida, outrossim, a importância do professor e da família. O primeiro, como elemento – sustentador de todo o processo de Aceleração de Aprendizagem, no sentido de ser o responsável pela mobilização de interesses, instalação do entusiasmo e da confiança, valorização dos avanços e acertos, elementos que, sem dúvida, concorrem para que as crianças tenham resgatada a sua auto-estima e se sintam motivadas a prosseguirem seus estudos; e a família, como elemento – participativo, na discussão e acompanhamento do trabalho desenvolvido com seus filhos, no sentido de compartilharem com eles os seus sucessos.

## 2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A APRENDIZAGEM

O ato de aprender é um processo dinâmico e pessoal e, sobretudo, complexo que envolve influências não só ambientais, mas também as inerentes ao próprio sujeito que aprende. Assim sendo, a condução do processo de ensino requer uma compreensão segura das condições externas e internas que influenciam a aprendizagem e, também, do entendimento do modo como se processa e como as pessoas aprendem (LIBÂNEO, 1994).

Empenhados em explicar a forma como se processa a aprendizagem, muitos estudiosos dedicaram-se à esta tarefa tentando esclarecer sobre o seu dinamismo. Entre esses estudiosos, Piaget (REIS, 1984, p. 33) afirma: *... a aprendizagem deve ser um processo ativo porque o conhecimento é uma construção que vem de dentro...* As implicações que a teoria de Piaget traz para a sala de aula revolucionam todo um processo didático-pedagógico onde o aluno, passando a ser o centro do processo, é um elemento atuante e descobridor. Para Piaget, uma boa pedagogia envolve a apresentação de situações onde a criança experimenta e conclui através da manipulação de objetos e símbolos, busca respostas, realiza descobertas, cria e aplica seus conhecimentos a outros anteriores.

Outro educador, Carl Rogers, citado por Joullié e Reis, (1984, p. 33) afirma: *Não se pode ensinar diretamente a outra pessoa, pode-se tão somente facilitar-lhe a aprendizagem.* Segundo ele, o homem é essencialmente livre para fazer escolhas e alcançar a auto-realização. Seus seguidores respeitam as potencialidades individuais, promovem a participação efetiva do aluno no processo e propiciam oportunidades de prática para uma aprendizagem significativa no desenvolvimento da criatividade e da autoconfiança. Para alcançar tal aprendizagem, deve-se dispor de material adequado, de conhecimento das estruturas cognitivas do aluno e de estimular a sua motivação. Vygotsky (REGO, 1995) considera que aprendizado e desenvolvimento estão relacionados desde o nascimento da criança, embora não sejam realizados na mesma proporção. O desenvolvimento não acompanha o aprendizado escolar, o que nos leva a deduzir que só deve ser exigido da criança aquilo que realmente ela é capaz de dar. Wallon (GALVÃO, 1995) defendia a idéia de que a inteligência e a afetividade estão integradas auxiliando no processo da

aprendizagem. A teoria walloniana suscita uma prática que deve atender as necessidades da criança nos planos afetivo, cognitivo e motor, promovendo o seu desenvolvimento em todos esses níveis.

É importante dizer que inúmeros pedagogos fazem abordagens sobre a aprendizagem e sobre seus sujeitos, criando e recriando teorias de acordo com suas crenças pedagógicas, no sentido de orientar os professores sobre o entendimento desse processo e a compreensão de todos os elementos nele envolvidos para que o sucesso acadêmico seja alcançado.

### **3. FATORES QUE DIFICULTAM A APRENDIZAGEM**

É importante registrar que educadores de diversos países e não só do Brasil, preocupam-se com as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem.

Muitos deles têm realizado estudos e pesquisas tentando detectar as razões que se constituem em empecilhos do aprendizado de um número bastante significativo de crianças na idade escolar, uma vez que essas crianças fracassam nos estudos não possuindo nenhuma incapacidade particular que as impossibilite de ter um desempenho escolar satisfatório que possa justificar a sua não – aprendizagem.

Agindo sobre o processo de aprendizagem, encontram-se fatores inerentes à própria criança, à escola, aos familiares e ao meio físico e social.

Os fatores presentes na própria criança e nos ambientes em seu entorno atuam diferentemente, influenciando negativamente a aprendizagem da criança, envolvendo as peculiaridades diversas em cada situação ou momento.

Em relação ao aluno, podemos citar sérias dificuldades como: anomalias físicas ou psíquicas que agravam o quadro de desmotivação; desinteresse, desmotivação e repetências sucessivas; inadaptação ao ambiente escolar; baixa auto-estima, dificuldades de relacionamento entre aluno e professor; falta de entendimento dos conteúdos desenvolvidos; inadaptação à metodologia aplicada, entre outros fatores que não impulsionam os alunos a progredirem.

Outro ponto relevante a ser considerado é a falta de estrutura familiar, muito presente nos dias de hoje, o que ocasiona, conseqüentemente, uma visão pessimista quanto à educação; ausência de orientações e apoio, por parte da família

quanto ao desenvolvimento das atividades escolares ou ainda, a existência de um ambiente desencorajador que facilita a ascensão financeira sem valorizar a escola como agente da mudança.

Observa-se, também, no processo educativo, a falta de interação da comunidade com o ambiente escolar, o que dificulta muito a comunicação e o aprimoramento do processo de aprendizagem, com base nas aptidões dos alunos. O descaso da sociedade com relação ao papel da escola na formação do cidadão é outro fator de suma importância, que deve ser enfocado.

As dificuldades se multiplicam e inviabilizam, muitas vezes, as ações dos professores no exercício de sua função.

A educadora Tânia Zagury em seu livro *O Professor Refém* (2006) publicou o resultado de uma pesquisa realizada com professores de diversas áreas de ensino que apontam as principais dificuldades encontradas pelos professores no processo ensino-aprendizagem:

Manter a disciplina – 22% dos entrevistados; Motivar os alunos – 21% dos entrevistados; Fazer a avaliação dos alunos – 19% dos entrevistados; Manter-se constantemente atualizado – 16% dos entrevistados; Escolher a metodologia mais adequada – 10% dos entrevistados (p. 83).

À vista deste resultado, observa-se que motivar os alunos ainda é um desafio para os professores que, na sua maioria, está tão desmotivada quanto seus alunos.

A educadora Kátia Smole, pesquisadora da Teoria das Inteligências Múltiplas, diz que muitos dos problemas de aprendizagem são, na verdade, problemas de *ensinagem*. Segundo ela, infelizmente as escolas, em sua maioria, não estão capacitadas para lidar com as diferentes habilidades, inteligências e ritmo de cada educando. O aluno que não se enquadra nos padrões de aprendizagem, acaba sendo excluído, o que cria uma falsa dificuldade – o que é péssimo para a auto-estima. O aluno assimila muito rápido as idéias como “tenho dificuldade para aprender” ou “sou péssimo aluno” e age de acordo com estas idéias. É preciso quebrar este círculo vicioso e favorecer um ambiente de curiosidade, criatividade e interesse, onde o professor é a peça chave que instiga através da investigação constante.

Na afirmativa de Saraiva, (2007) que se segue, observa-se a importância do professor no processo ensino – aprendizagem:

... o baixo desempenho da maioria dos alunos têm outras causas externas e internas ao sistema de ensino sendo que, entre as internas, o principal fator é o professor, com formação deficiente, desatualizado, desmotivado; além da gestão da escola; das más condições oferecidas ao professor, que não encontra apoio para desenvolver uma prática docente, criativa, inteligente, competente, eficiente, que levem seus alunos a se sentirem interessados, motivados, transformando informação em conhecimento, aprendendo (p. 5).

É preciso entender, entretanto, que as dificuldades não devem ser consideradas barreiras para a aprendizagem, mas indicadores das necessidades a serem atendidas, lembrando e respeitando sempre o ritmo dos alunos.

#### **4. DIFERENTES FORMAS DE ENFRENTAMENTO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**

É de fundamental importância ressaltar que antes de rotular uma criança como incapaz de aprender deve-se fazer um levantamento minucioso de seu desenvolvimento e dos ambientes nos quais está inserida para que se determine, exatamente, o que deve ser feito, que medidas devem ser tomadas, respeitando-se a singularidade de cada criança.

É necessário que o fracasso escolar seja colocado considerando-se o “eu” da criança e seus valores, o grau de ansiedade que certamente a deixa cada vez mais suscetível a situações constrangedoras. A insegurança debilita sua capacidade e potencial, tornando-os comprometidos (SOUZA, 1996).

A frustração, o sentimento de inferioridade, a perturbação emocional são algumas das conseqüências do fracasso escolar, que determinam, na criança, suas atitudes e comportamentos, e, que interferem no seu rendimento escolar.

Facilitar a aprendizagem é a forma mais adequada de superar as dificuldades. Criar esta facilidade implica, entre outros fatores, promover o professor um clima de confiança, flexibilidade, respeito e liberdade; permanecer atento às expressões de sentimentos dos alunos, procurando compreendê-los e aceitá-los como são; levá-los a reconhecer e aceitar suas próprias limitações; observar os interesses dos alunos proporcionando situações prazerosas de aprendizagem onde eles possam obter êxitos e experimentar o prazer de aprender; estabelecer a relação entre o conteúdo estudado e os objetivos dos alunos; eliminar ou reduzir as ameaças externas

sofridas por eles; incentivar a auto-avaliação para que desenvolvam a independência, a criatividade e a autoconfiança.

Que sejam valorizados os saberes que os alunos trazem consigo; que sejam percebidos que o ensinar é ajudar o aluno a construir novos significados a partir de seus conhecimentos; que sejam feitas reflexões sobre a metodologia e a avaliação aplicadas em sala de aula; que a proposta pedagógica da escola esteja voltada para a realidade da comunidade na qual a escola está inserida para que suas dificuldades e prioridades sejam atendidas. Devem ser proporcionadas aos alunos condições para que se apropriem de conteúdos essenciais ao desenvolvimento não só da comunidade como ao seu próprio (SOPELSA, 1998).

Acreditamos que a família e a escola sejam as principais instituições sociais que exercem influência sobre a criança no período de sua formação, inculcando marcas profundas em sua personalidade e em seu caráter. Dessa forma esses ambientes e os personagens neles contidos são altamente responsáveis pelas atividades de segurança e confiança no desempenho de suas tarefas e na aquisição de experiências bem sucedidas, permitindo que ela elabore um conceito positivo de si mesma, o que por certo, vai influenciar na sua aprendizagem. As colocações de Branden (1995) confirmam nossas considerações

Quando crianças, nossa autoconfiança e nosso auto-respeito podem ser alimentados ou destruídos pelos adultos – conforme tenhamos sido respeitados, amados, valorizados e encorajados a confiar em nós mesmos (p. 12).

Isto posto, é necessário refletir sobre a tarefa relevante que têm a família e a escola no resgate da auto-imagem, na formação do auto-conceito, no desenvolvimento da auto-estima da criança para que ela recupere o significado e o sentido do aprender e visualize possibilidades de sucesso.

## **5. A APRENDIZAGEM ACELERATIVA RESGATANDO GANHOS COGNITIVOS E AFETIVOS**

Em 1997, o então Presidente da República, Fernando Henrique Cardoso, pronunciou-se a respeito do Programa de Aceleração da Aprendizagem idealizado por Viviane Senna, presidente da Fundação Ayrton Senna, que tinha por finalidade resgatar a auto-estima de alunos que, por sucessivas repetências, acabavam por abandonar a escola. Neste pronunciamento ele dizia:

...para você que enfrenta o problema de repetência, fique tranquilo. Esqueça aquela idéia de que seu filho é lento para aprender. Já existe um programa no Ministério da Educação voltado para essas crianças: é o Programa de Aceleração da Aprendizagem.[...] vamos incentivar estados e municípios a encamparem este programa. Vamos, inclusive, liberar recursos para as escolas que quiserem desenvolver o programa... (p. 1-2).

Este é um programa desenvolvido essencialmente por secretarias estaduais de educação e que apresenta uma proposta metodológica curricular própria e inovadora com vistas à melhoria da aprendizagem de alunos do Ensino Fundamental em defasagem idade-série. O Programa trabalha com outra dinâmica: os conteúdos básicos das séries em defasagem e é voltado para alunos que estão dois anos ou mais na mesma série, para depois, ao final de um período letivo de intenso trabalho, posicioná-los nas séries adequadas às suas idades.

A Lei 9394/96, em seu Art. 24, inciso V, alínea Ab@, explicita claramente a possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar. É uma possibilidade, assegurada por lei, para aqueles alunos que, por diversos motivos, concorrem para elevar a taxa de repetência do país.

Podemos definir a Aceleração da Aprendizagem como uma forma de ensino que oferece aos alunos renitentes a chance de prosseguirem o estudo com a auto-estima bem desenvolvida e motivados positivamente. A proposta parte do princípio de que os conteúdos curriculares não *pertencem* a uma série determinada. Eles são reagrupados em unidades e eixos temáticos, com base em sua abrangência, relevância e adequação ao universo cultural dos alunos.

A Aceleração toca num dos mais graves problemas da aprendizagem. Um problema que não é apenas pedagógico, mas também sócio-afetivo, que adquire um significado especial quando a criança é colocada num compasso de aprendizado que a impulsiona a continuar estudando.



Alguns países e, entre eles o Peru e o Chile, apresentam experiências neste campo de atuação.

A Aceleração já foi testada com sucesso em vários Estados brasileiros. Entidades privadas começam a adotar esta forma de ensino que está, no momento, acelerando o processo de aprendizado de crianças em inúmeros municípios, inclusive Valença.

Para se obter sucesso na Aceleração da Aprendizagem, devem-se mobilizar interesses, ativar a participação, desafiar o pensamento, instalar o entusiasmo e a confiança, possibilitar acertos, valorizar os avanços e melhorar a auto-estima dos alunos. O contido nesta afirmativa encontra respaldo no documento Reorganização da trajetória escolar no Ensino Fundamental - Classes de Aceleração - Proposta Pedagógica Curricular da Secretaria de Educação de São Paulo (2002) onde se lê:

O processo de ensino-aprendizagem só se modifica de fato quando se compreende o conhecimento como um processo dinâmico, vivo, de interações entre o sujeito que conhece e o objeto a ser conhecido; trata-se de relações em que intervêm o sujeito, com seu conhecimento anterior, e mais todo o ambiente social, incluindo as outras pessoas e os dados novos (p. 01).

É importante ressaltar os três grandes objetivos que norteiam o trabalho em turmas de Aceleração:

- Fortalecer e desenvolver o autoconceito, a auto-estima dos alunos: os alunos deverão sentir que são capazes de ter sucesso, de aprender, de passar de ano, de ter sucesso desde o primeiro dia de aula e não apenas no final do ano letivo.
- Ensinar os conteúdos básicos das quatro primeiras séries: professores se assustam com essa proposta de se ensinar os conteúdos básicos em um só ano. Tal fato é possível através da priorização do que é realmente importante para que o aluno possa avançar para a série seguinte.
- Desenvolver um conjunto de habilidades básicas importantes para o sucesso na vida e na escola: o sistema de Aceleração pretende que todos os alunos adquiram hábitos e habilidades que são importantes em qualquer situação, na escola ou fora dela, como ler bem, com discernimento e gosto; expressar-se oralmente com clareza e

desenvoltura em diversas situações; usar instrumentos básicos da matemática em situações concretas do dia-a-dia; planejar, executar e avaliar o próprio desempenho nas tarefas escolares; participar de grupos de estudo com objetividade, contribuindo para o atingimento das metas do grupo e para a aprendizagem dos colegas.

É um trabalho que enfatiza o desenvolvimento de hábitos importantes de estudo e cujo resultado irá traduzir a aprendizagem do aluno. É de fundamental importância ressaltar que o aluno deve ser a principal preocupação na Aprendizagem Acelerativa e o professor deve ser considerado a peça chave nesta forma de ensino. O professor tem que acreditar que seus alunos vão dar certo. O sucesso começa pela crença. Não é ter pena dos alunos. É estimulá-los a ser cada dia melhores exigir sempre que apertem o passo. O desafio é provocar o sucesso e celebrar cada um deles a cada momento, a cada dia. O sucesso dos alunos depende do empenho do professor que terá a função de orientá-los. Estimulá-los, criar novas situações e identificar aqueles que possam ajudar outros alunos na caminhada (QUERINO, 1997).

O processo de avaliação nas classes de aceleração leva em conta o que foi aprendido, como foi aprendido e o gosto pelo aprender. Observando estes três aspectos, o professor verificará se o aluno desenvolveu a capacidade de relembrar, reorganizar, sistematizar e aplicar os conhecimentos adquiridos a novas situações. Ao sentirem que trabalharam bem, que progrediram, eles melhoram em casa, na escola e em turma procurando expressar de formas variadas o seu grau de alegria e satisfação com o que aprenderam. Manifestam estes sentimentos através de apresentações em fechamento dos projetos (teatros, shows, feiras, exposições) onde se empenham, participam e apresentam aos outros os seus trabalhos.

A avaliação deve ser sólida, completa, mas com muita alegria, descontração e criatividade após o aluno ter caminhado pelos projetos e aprendido um elenco de conteúdos pré-estabelecidos, utilizando habilidades de comunicação escrita e oral, de planejamento e de trabalho em grupo.

O aspecto intelectual afetivo é de relevante importância no desenvolvimento do trabalho de aceleração o que importa é o que acontece com o intelecto e os sentimentos do aluno. Pois afinal, este aluno já vem com uma bagagem de danos

irreparáveis na auto-estima, carregando estigmas de atrasado, repetente e incapaz. Levar este aluno para o sucesso não é tarefa fácil e para conquistá-lo é necessário disposição, alegria e afetividade.

Deve-se ter em conta que em todo o processo de Aceleração da Aprendizagem, o desempenho dos alunos é considerado pelo gosto pelo estudo, relacionamento positivo entre aluno e professor, participação ativa, hábito de leitura, mudança de atitude, transferência de energias excessivas para os estudos e a construção da auto-estima. Nas turmas de Aceleração os educadores devem evitar danos futuros à auto-estima do aluno nas séries em que serão inseridos. Para tanto, devem observar pontos relevantes de avaliação como não se restringir ao quantitativo de conteúdos que é responsável pela retenção dos alunos na série; devem corresponder aos princípios metodológicos e aos conceitos das aprendizagens significativas, oferecendo ao aluno condições de prosseguimento seguro nos estudos, entre outros. É preciso que os professores trabalhem no sentido de recuperar os alunos com deficiência de aprendizagem, de recuperar, sobretudo, a alegria de aprender para que aspectos da realidade educacional do Brasil não sejam estampados na imprensa escrita, falada e/ou televisiva, como registrado no artigo de Gustavo Loschpe, publicado no Jornal.

O Globo (2007), no qual se expressa:

...O Brasil tem uma das mais altas taxas de repetência na primeira série do mundo, e três quartos da nossa população são incapazes de ler e entender um texto simples. Três quartos! Combater nossas deficiências desde o início do processo educacional é, portanto, a prioridade máxima. Um aluno analfabeto é o futuro aluno fracassado, fantasma no mercado de trabalho e rascunho de cidadão (p. 07).

Esta é nossa realidade. Uma grande porcentagem de misoneístas está construindo rascunhos de cidadãos, sem sequer ter o direito de ter acesso à leitura de forma alegre e prazerosa como acontece nas turmas de Aceleração da Aprendizagem. Nessas turmas, o aluno não decora os conteúdos. Ele aprende convivendo com os conteúdos, aplicando-os e demonstrando-os a cada dia.

## **6. AUTO-ESTIMA E RENDIMENTO ESCOLAR**

Autor de best-sellers sobre relacionamento familiar e educação infantil, Steve Biddulph (2003) nos aponta que os pais podem programar mentalmente os filhos para que sejam felizes sendo mais cuidadosos com as palavras que usam para se dirigir direta e/ou indiretamente a eles. Embora não percebam, todos os pais incutem mensagens na mente dos filhos que os acompanham pela vida inteira. Há certos discursos que têm o poder de atingir o inconsciente das crianças, por mais que estas finjam não prestar atenção.

De igual forma, Goleman (1996), referindo-se á importância da família na constituição emocional da criança, afirma:

A vida familiar é nossa primeira escola de aprendizado emocional; nesse caldeirão íntimo aprendemos como nos sentir em relação a nós mesmos e como os outros vão reagir a nossos sentimentos... Esse aprendizado emocional atua não apenas por meio das coisas que os pais fazem ou dizem diretamente às crianças, mas também nos modelos que oferecem para lidar com os próprios sentimentos... Alguns pais são professores emocionais talentosos, outros atozes (p. 204).

Biddulph (2003) defende a idéia de que mencionar aos outros as qualidades de suas crianças e realçar o lado positivo, em vez do costumeiro negativo, pode alterar o quadro de auto-estima destas crianças. Isto não significa que a repreensão esteja proibida, pelo contrário. Há, pois, uma forma certa de repreender ou reprovar o ato cometido sem danificar a personalidade da criança. Eis, portanto, o grande desafio aos professores: reverter essa convicção. Um desafio salutar para o avanço da aprendizagem. Uma empreitada que exige coragem e disponibilidade.

A auto-estima é formada no processo de desenvolvimento do ser humano. Quanto melhor estruturada a auto-estima, melhor a capacidade de se lidar com os percalços da vida. Entretanto, acontece muitas vezes, de se criar expectativas em relação à vida e ao se deparar com situações adversas, vem a impotência e a diminuição da auto-estima. E é neste ponto da questão que entra a repetência no processo ensino-aprendizagem. *Há dez anos, de cada cem crianças que cursava o Ensino Fundamental, quarenta repetiam alguma série* (KLEIN, 2007, p. 07). Hoje, a situação não está diferente e com um agravante: a evasão. Alunos desestimulados, desmotivados e com baixa auto-estima procuram ambientes fora da escola, onde se sintam valorizados. Eis o porquê do interesse se direcionar aos alunos que, mesmo

atrasados, continuam se matriculando nas escolas, demonstrando que as famílias ainda têm expectativas com relação a eles. São esses alunos que se transformam no objeto de interesse da Aceleração da Aprendizagem.

Diante do exposto, é imperativo recorrer a todo tipo de intervenção para reduzir a repetência e a evasão. Precisa-se ensinar e incentivar os alunos. Motivá-los a recuperarem-se. Muitos educadores já estão se mobilizando, portanto, existem indicações do que se fazer. Depende do empenho e da dedicação dos profissionais da educação e a vontade de avançar dos alunos.

Isto posto, levanta-se a questão da auto-estima como uma forma eficaz de promover a aprendizagem, pois se esta aprendizagem tornar-se experiência dolorosa, fonte constante de humilhação, ocorre um bloqueio emocional como mecanismo de defesa do próprio cérebro, que por sua vez não mais absorve as informações, armazenando-as no subconsciente. O desbloqueio das emoções negativas dos alunos em relação à escola torna-se uma responsabilidade dos envolvidos no processo educacional e especialmente do professor que, ao fortalecer-lhes a auto-estima, propicia-lhes o alcance do sucesso nas atividades escolares e, ao valorizar esse sucesso, resgata do subconsciente as informações que possibilitarão novas aprendizagens.

Rubem Alves, em seu livro *Conversas com quem gosta de ensinar*, na colocação abaixo, ilustra as observações tecidas sobre a importância do professor:

...necessitamos de um ato mágico de exorcismo. Nas histórias de fada é um ato de amor que acorda a Bela Adormecida de seu sono letárgico, ou o príncipe transformado em sapo.

A questão não é gerenciar o educador. É necessário acordá-lo. E, para acordá-lo, uma experiência de amor é necessária (p. 18).

A auto-estima e eficácia estão interligadas, pois emite ao espírito uma mensagem de confiança em nível muito profundo. Trata-se da confiança absoluta nos processos pelos quais o indivíduo raciocina, compreende, aprende, colhe, decide e orienta as suas ações.

Dois elementos muito importantes impulsionam o indivíduo para enfrentar os desafios que se apresentam no decorrer da vida e ser merecedor da felicidade: a sensação de eficiência que é a auto-eficácia e o respeito de si mesmo, que é o auto-respeito. Na auto-eficiência, o consciente intelectual tem a certeza da capacidade de

pensar e de aprender, desde que esta capacidade seja reconhecida. No auto-respeito, a inteligência emocional percebe que o êxito, o sucesso, a realização e a felicidade fazem parte de cada pessoa. A importância dessa autoconfiança para a sobrevivência é óbvia tanto quanto o perigo quando falta essa confiança (QUERINO, 1997).

A auto-estima facilita e conduz o caminho para a auto-realização. Se os alunos têm a sua frente um problema difícil que lhes impõe um certo grau de confiança, há chance de perseverarem obtendo mais êxitos que fracassos. Mas, se ao enfrentarem um problema, houver o domínio de uma sensação de insegurança a respeito de sua capacidade mental, é provável que desistam ou relaxem chegando ao fracasso, porque dando menos de si, há possibilidades de fracassarem.

Se observarmos os alunos com uma forte consciência do próprio valor, o provável é despertar neles o respeito e boa vontade, pois é o auto-respeito que infunde respeito nos outros. Mas, se ao contrário, mostrarmos ser mais fortes, diminuindo-os, a tendência é despertar neles medo e hostilidade.

Através do entendimento do papel da auto-estima na aprendizagem, o professor poderá desenvolver um trabalho que valorize seus alunos recuperando os danos causados em sua formação escolar e o bloqueio da sua aprendizagem que, conseqüentemente, os levaram à repetência e evasão.

O sucesso comprovado das turmas do Programa da Aceleração da Aprendizagem deve-se, em grande parte, ao desenvolvimento da auto-estima dos alunos que assimilam os conteúdos com confiança e motivação, acreditando em seu potencial.

A palavra chave no desenvolvimento da auto-estima é o entusiasmo. A pessoa entusiasmada acredita em si. Acredita nos outros. Acredita na força que as pessoas têm de transformar o mundo e a própria realidade. E a realidade agora é a aprendizagem. São os prejuízos que a *não-aprendizagem* acarreta na vida escolar do aluno. É preciso entender que é o entusiasmo que traz o sucesso. Por isto é tão importante a auto-estima na Aceleração da Aprendizagem. Os alunos necessitam de uma nova visão de sua aprendizagem.

Para construir a auto-estima dos alunos em sala de aula, é importante fazê-los sentirem-se motivados, tratá-los com respeito, estimulá-los a desenvolver atitudes e habilidades para que possam inovar criar e agir de modo responsável, para que

trabalhem com eficiência em equipe, vençam as dificuldades que se apresentarem, acreditem no seu potencial, valorizem as realizações por menores que sejam e neguem-se a aceitar o autoconceito negativo. Em assim sendo, sentir-se-ão confiantes, apoiados, inspirados e dispostos a colaborar.

A respeito da importância da crença do professor nas possibilidades do aluno para o desenvolvimento da sua auto-estima, Maffia (2007) faz a seguinte colocação:

...ao professor não cabe dizer: “faça como eu”, mas, “faça comigo”. Neste “faça comigo” acreditamos estar implícito todo o entendimento da capacidade e possibilidades do aluno. Está implícito o encorajamento, a valorização do indivíduo, a importância do desenvolvimento da auto-estima. Está implícito o apoio, o dar as mãos para vencer as dificuldades. Está implícito “vamos tentar”, “você consegue”, “você pode” (p. 8).

Assim entendendo, não podemos ter dúvidas de que é no dia a dia dada sala de aula, no cotidiano escolar, na relação professor-aluno, que se pode perceber as reais razões do fracasso escolar.

## **7. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tendo em vista os estudos realizados sobre o processo de Aceleração da Aprendizagem e a constatação bastante significativa de que uma grande parcela de alunos do Ensino Fundamental encontra-se defasada em relação à idade regular de matrícula à série que está cursando, conclui-se que um atendimento especial às crianças que não conseguem desempenhar-se bem na escola, se faz necessário e com bastante urgência.

Apesar de já existirem alguns programas que atendem essas crianças, é preciso que o Poder Público viabilize ações mais concretas, criando possibilidades e condições para que a Escola possa intervir nessa realidade permeada de significativos índices de seletividade e exclusão, oferecendo oportunidades para que o problema da repetência e da evasão sejam trabalhados de tal forma que os alunos readquiram a auto-confiança e vençam os obstáculos que dificultam a sua aprendizagem.

Os Programas de Aceleração devem oferecer a essas crianças um ensino adequado, dar um treinamento aos professores, agentes desse processo, para que participem de todos os esforços, no atendimento desses sujeitos e possam perceber

os avanços e dificuldades dos mesmos na realização dos trabalhos pedagógicos; buscar a participação da família para que se envolva com os trabalhos realizados por seus filhos e, também, levarem os pais a recuperarem sua competência educadora, que por certo, se constituirá num grande suporte para essas crianças.

Isto posto, é necessário refletir também sobre a situação pedagógica de muitas escolas públicas que concorrem para que esta realidade de defasagem aluno – série se agrave a cada dia:

- Um grande número de escolas não oferece um ensino elevado, atividades estimulantes e desafios significativos, elementos que, com certeza, despertam a capacidade de raciocínio, desenvolvem o senso

crítico e motivam os alunos a se dedicarem as suas atividades estudantis, conscientes de que precisam dar bastante de si, se quiserem ser vencedores e alcançarem o sucesso.

- Um significativo contingente de professores não está comprometido com suas ações pedagógicas: esses profissionais não atualizam seus conhecimentos, não se importam com o aprendizado de seus alunos, não têm sequer postura profissional que os capacite a serem transmissores e cultivadores de valores morais, éticos, religiosos, entre outros.

- Os professores, num percentual expressivo, são mal formados, despreparados, desvencionados, desmotivados (ALMEIDA, 2007). Sua remuneração não permite que eles se atualizem e preparem suas aulas com qualidade, porque a sua necessidade de sobrevivência os obriga a trabalhar mais tempo, para terem garantido um salário razoável, que mesmo assim, não corresponde aos seus esforços e expectativas;

- Os critérios de avaliação muitas vezes contribuem para eliminar a cultura da repetência, mas implantam a cultura da incompetência. Muitos alunos são promovidos à série seguinte sem dominarem as competências básicas como ler, escrever e contar. Dão-se bem na escola, mas no mundo terão dificuldades frente às exigências que se lhes apresentarão. E o mais constrangedor é que a família e o aluno não alcançam o significado dessa avaliação inadequada e de sua repercussão em seu futuro. Mesmo não dominando os conteúdos que chamamos de



essenciais, os alunos são promovidos. E então, a escola, o aluno e a família compartilham do mesmo jogo. Um jogo de perdedores, infelizmente.

É preciso que Poder Público, Escola, equipes pedagógicas, professores, alunos, pais, responsáveis e comunidades tenham sua mentalidade transformada para que possam desenvolver ações buscando alternativas para que se promova, de fato, o sucesso dos alunos, não só daqueles que precisam superar suas dificuldades e vencer os atrasos escolares, mas também daqueles que permanecem na escola e não recebem um ensino adequado e de qualidade. Somente desta forma será possível tentar minimizar o fracasso escolar e, conseqüentemente, o fracasso pessoal, profissional e social.

O processo acelerativo é trabalhoso e exige muito de todos os envolvidos nessa tarefa: além de um planejamento consistente, muita força de vontade, coragem, disponibilidade, crença no trabalho desenvolvido, motivação. A responsabilidade, entretanto, é de todos. De cada um de nós. A empreitada é difícil, mas não impossível. Todos viabilizando ações para que essas crianças sejam colocadas num compasso de aprendizado que as impulsionem a continuar estudando. Portanto, deve-se começar a trabalhar agora, antes que o fracasso escolar se instale, a baixa auto-estima se estabeleça e o aluno abandone a escola.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, A.L.M. **Predicativos vazios**. Folha Dirigida: Caderno de Educação, 17 a 23 de maio de 2007.
- ALVES, R. **Conversas com quem gosta de ensinar**. 20 ed. São Paulo: Cortez, 1985.
- BIDDULPH, S. **O segredo das crianças felizes**. São Paulo: Editora Fundamento Educacional, 2003.
- BRANDEN, N. **Auto – estima: como aprender a gostar de si mesmo**. 18.ed. São Paulo: Saraiva, 1995.
- GALVÃO, I.; Wallon, H.: **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- GOLEMAN, D. **Inteligência emocional**. 2 ed. Rio de Janeiro: **Objetiva**, 1996.
- IOSCHPE, G. **Interminável sono em berço esplêndido**. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 08/04/2007. p. 07.
- KLEIN, R. **Universalização do Ensino Básico**. Jornal O Globo, Rio de Janeiro, 21/01/2007, p. 07.
- LIBÃNEO, J.C. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- MAFFIA, V. **O Ensino de Fundamentos da Psicopedagogia no Âmbito Universitário: tensões e perspectivas**. 2007. Monografia - UNESA, Rio de Janeiro, 2007.
- PALAVRA DO AGÊNCIA BRASIL**. Cardoso, F.H incentiva escolas a adotar Programa de Aceleração da Aprendizagem. Brasília, 1997. p. 1-2. Disponível em: <<http://www.radiobrás.gov.br/presidente/palavra/1997/palavra-1507.htm>>. Acesso em: 10 jun.2007.
- QUERINO, M. **Aceleração da aprendizagem no ensino fundamental /módulo 08**. CETEB, 1997, adaptado.
- REGO, T.C. **Vigotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.
- REIS, A.; JOULLIÉ. **Didática geral através de módulos instrucionais**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1984.
- SARAIVA, T. **Por uma Escola de Qualidade**. Folha Dirigida: Caderno Educação. 17 a 23 de maio de 2007.

SEE/SP. Reorganização da trajetória escolar no ensino fundamental. **Classes de Aceleração: Proposta Pedagógica Curricular**. São Paulo: SEE/CENP, 2000.

SOPELSA, O. **Dificuldades de aprendizagem: resposta em um atelier pedagógico**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

STROCCHI, M.C. **Auto – estima: se não amas a ti mesmo, quem te amará?** 3 ed..Petrópolis: Vozes, 2003.

ZAGURY, T. **O Professor refém: para pais e professores entenderem porque fracassa a educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Record. 2006.